

O PROTAGONISMO DO COLONIZADO EM *BATOUALA* DE RENÉ MARAN

Paola Karyne Azevedo JOCHIMSEN*

RESUMO: Este artigo analisa o livro *Batouala* de René Maran sob uma ótica pós-colonial. Buscamos fazer uma síntese do século XIX, marcado pela difusão de teorias raciais e pela oficialização do neocolonialismo europeu no continente africano. Em seguida contextualizamos o início do século XX com o surgimento das vanguardas europeias que encontraram nas artes “primitivas” africanas uma nova forma de inspiração e na continuidade do pensamento de “superioridade” para justificar atrocidades cometidas nas colônias. Para conduzir esta análise não nos detivemos nos aspectos dos costumes tribais rituais, festa de iniciação, danças e na caça. Nos dedicamos a examinar o livro através da perspectiva do colonizado evidenciando pontos críticos e sempre que possível relacionando-os com a obra crítica de Franz Fanon.

PALAVRAS-CHAVE: René Maran. *Batouala*. Frantz Fanon. Teorias pós-coloniais.

Contextualização histórica: séculos XIX e XX

Antes de iniciarmos precisamente na análise do livro *Batouala*, obra pioneira que completa 100 anos de sua publicação em 2021, é necessário fazermos uma breve síntese histórica dos antecedentes socioculturais em torno de René Maran. Não é necessário retornarmos muitos séculos até o ano 1452, do qual temos a bula papal *Dum diversas*¹ do papa Nicolau V que dava “permissão” aos portugueses

* Cursa Pós-Graduação em Estudos Latino-Americanos e Caribenhos. CLACSO - Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais. Buenos Aires – Argentina - paolakaryne@hotmail.com. Possui licenciatura em Letras (Português/Francês) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestrado em Filologia Românica com ênfase em Literatura Latino-Americana pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (Alemanha). Atua na área de pesquisa em Literatura Comparada, Literatura Latino-Americana, Literatura Feminista, Pós-Colonialismo e Estudos Culturais. Em 2020 defendeu a dissertação de mestrado sobre “A omissão dos afrodescendentes no Movimento Antropofágico: uma leitura pós-colonial”. Colabora com artigos de opinião para a plataforma Alice News do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Membro do Coletivo Brasil-Alemanha pela Democracia.

¹ Confira Suess (1992).

para conquistar, invadir e escravizar as terras do continente africano. O que se sucedeu depois disso foram anos de comércio, torturas, agressões físicas e mortes de seres humanos sequestrados para as Américas e Antilhas.

Portanto para sermos mais específicos vamos analisar elementos e fatores relacionados ao século XIX e início do século XX. Naquele temos um cenário no qual predominavam uma sucessão de teorias excludentes e racistas em meio as lutas e revoluções pela libertação dos povos escravizados desde o Norte até o Sul da América. Porém essa “pseudo” liberdade seria transformada em um novo conceito que levaria novamente os povos remanescente em África a uma escravidão remodelada: o Neocolonialismo.

A transição artística do século XIX para o XX ocorre em parte através da *Belle Époque*, período que compreende ambos os séculos. Nela temos o predomínio intelecto-cultural da sociedade francesa. Esta influência só declinará após a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Esta fase também é marcada pelo surgimento das vanguardas europeias, entre elas podemos destacar o Futurismo, Surrealismo, Cubismo, Expressionismo e Dadaísmo. Abordaremos de forma mais detalhada o Cubismo e sua relação com a concepção do que era a cultura africana ainda de certa forma desconhecidas dos meios sociais europeus.

O início do século XIX ainda dá continuidade a Revolução Haitiana (1791-1804), primeiro e único movimento liderado por ex-escravizados que culminou tanto com o fim da escravidão como a independência da ilha caribenha em relação ao governo colonial francês. O levante liderado em grande parte por Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines transformou a Haiti na primeira república governada por afrodescendentes. Em meados do século XIX surge o *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1855) de Joseph Arthur de Gobineau, obra pioneira sobre eugenia e racismo científico. Gobineau defendia a tese de que quanto maior fosse a miscigenação entre as raças maior seria o grau de degeneração física e intelectual.

[...] du moment que l'Européen ne peut pas espérer de civiliser le nègre, et qu'il ne réussit à transmettre au mulâtre qu'un fragment de ses aptitudes ; que ce mulâtre, à son tour, uni au sang des blancs, ne créera pas encore des individus parfaitement aptes à comprendre quelque chose de mieux qu'une culture métisse d'un degré plus avancé vers les idées de la race blanche, je suis autorisé à établir l'inégalité des intelligences chez les différentes races. (GOBINEAU, 1884, p.184)².

² “[...] enquanto o europeu não puder civilizar o negro, e conseguir transmitir ao mulato apenas um fragmento de suas habilidades; que este mulato, por sua vez, unido ao sangue dos brancos, ainda não criará indivíduos perfeitamente

Uma nova teoria surge na Europa e Estados Unidos (1870) a teoria do Darwinismo Social atribuído a Herbert Spencer, admirador de Charles Darwin, seu compatriota inglês. Esta hipótese tinha elementos semelhantes aos da teoria evolucionista, agora aplicados ao contexto social. Esta pregava uma hierarquia social e afirmava que determinada sociedade era superior em relação a outra. Somente os indivíduos com aptidão física e intelectual estariam capacitados a evoluir nestas consideradas mais desenvolvidas poderiam administrar as demais.

Não devemos achar que uma serie de teorias que inferiorizavam e desqualificam os afrodescendentes e mestiços fossem ficar sem uma defesa à altura. Aqui entra em ação a figura do sociólogo haitiano Joseph Anténor Firmin. Em seu livro *De l'égalité des races humaines* (1885), o autor refutava de forma científica as teses a respeito da desigualdade das raças anteriormente defendida por Gobineau. Firmin afirmava que não só os afrodescendentes como povos de qualquer raça tinham aptidões intelectuais e virtudes nobres. É óbvio que seu livro foi refutado dos meios científicos da época, isso justificaria uma serie de atrocidades que ainda seriam cometidas por anos em nome do projeto civilizatório.

Revenus à la vérité, ils reconnaîtront que les hommes sont partout doués des mêmes qualités et des mêmes défauts, sans distinction de couleur ni de forme anatomique. Les races sont égales ; elles sont toutes capables de s'élever aux plus nobles vertus, au plus haut développement intellectuel, comme de tomber dans la plus complète dégénération. (FIRMIN, 1885, p.662)³.

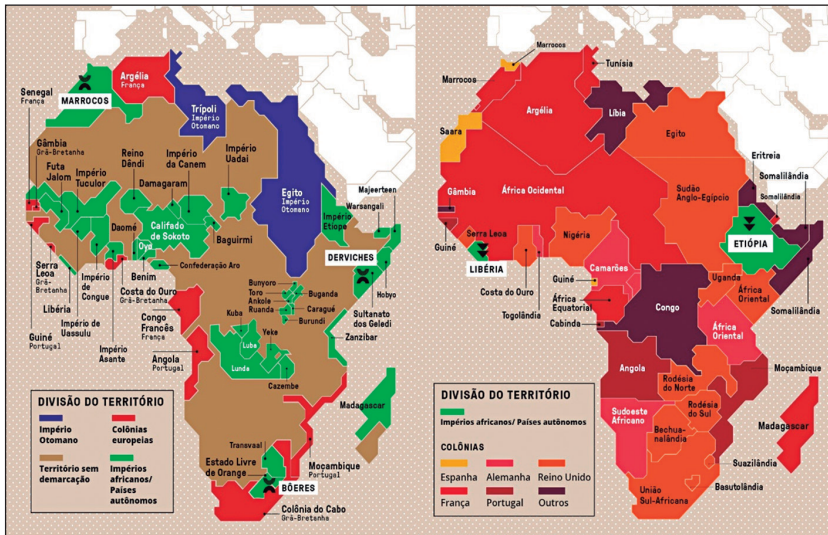
No final do século XIX tem lugar a Conferência de Berlim (1884-85), evento que oficializou o Neocolonialismo. As potências europeias detentoras do capital e do poderio bélico decidiram pela divisão e ocupação territorial da África. Esta decisão resultou em uma extrema exploração econômica do continente que mal tinha se recuperado de anos de tráfico de seres humanos para receber o “benefício” de se tornarem colônias dos ditos países “civilizados”. A nova divisão territorial tinha como objetivos: regulamentação da liberdade do comércio nas bacias do Congo e do Níger, assim como novas ocupações de territórios sobre a

capazes de entender algo melhor do que uma cultura de raça mista de grau mais avançado em relação às ideias da raça branca, estou autorizado estabelecer a desigualdade de inteligência entre as diferentes raças.” (GOBINEAU, 1884, p.184, tradução nossa).

³ “Chegada à verdade, eles reconhecerão que os homens são dotados em todo o lado das mesmas qualidades e dos mesmos defeitos, sem distinção de cor ou de forma anatômica. As raças são iguais; todas elas são capazes de ascender às mais nobres virtudes, ao mais alto desenvolvimento intelectual, bem como de cair na mais completa degeneração.” (FIRMIN, 1885, p.662, tradução nossa).

costa ocidental da África. Neste brutal processo de divisão não foi considerado a diversidade étnica e as fronteiras nacionais de povos autóctones. Podemos ver a discrepância didaticamente através das imagens abaixo. Na imagem 1 temos a comparação entre divisão territorial da África antes e depois da Conferência de Berlim.

Imagem 1: Divisão do continente africano



Fonte: Brum (2020).

Enquanto a África passava por um processo ininterrupto de exploração surgem as vanguardas europeias do início do século XX. Estes movimentos artísticos e culturais buscavam uma ruptura com o século anterior e suas formas clássicas. Os artistas que delas participavam propunham novas formas estéticas. Aqui gostaríamos de dar ênfase ao Cubismo que teve como um dos principais representantes Pablo Picasso. Através da fragmentação de suas figuras, o artista espanhol encontrou uma nova forma de retratar o mundo. Isso foi possível em parte devido à incorporação do exotismo africano a sua obra, precisamente nas máscaras tribais. Como nesta época ainda não havia estudos aprofundados sobre as culturas africanas, Picasso ficou fascinado ao ver uma exposição sobre arte africana, possivelmente não compreendia a fundo a cultura dos povos africanos e a funcionalidade social dos objetos que tanto admirava

Devemos reforçar que as teorias raciais ainda eram bastante fortes nesta época. Sendo assim, dentro da lógica da teoria colonialista, para a África e a Ásia conseguirem evoluir suas sociedades para uma etapa civilizatória ideal, seria imprescindível ter o contato com as potências imperialistas. O início do novo século foi marcado por uma série de eventos internacionais, naturalmente com a participação de delegações francesas, para discutir como se daria o avanço da humanidade. O Congresso Universal de Raças em Londres (1911), reuniu intelectuais do mundo inteiro e tinha como objetivo debater a questão das raças e do progresso civilizatório. Ao final do evento foi definido a mudança dos termos de raças superiores e inferiores para raças evoluídas e primitivas. No ano seguinte ocorreu o Congresso Internacional de Eugenia, também na capital inglesa. Aqui foram abordados temas sobre o controle social, hereditariedade, esterilização e formas para melhorar as futuras gerações. Este evento culminaria na criação da *Société française d'eugénique* no ano de 1913, uma instituição composta por aqueles, majoritariamente médicos, que se interessavam pelas “melhorias” da condição humana, entre eles hereditariedade do crime e da inteligência ou a relação entre o nascimento e sua relação com o grau de hereditariedade, degeneração, miscigenação, alcoolismo ou ambiente insalubre.

Este era o panorama que precedia a publicação de René Maran. Porém antes de *Batouala* já existiam inúmeras representações da África na Filosofia e na Literatura. Na maioria dos casos foram concepções errôneas, preconceituosas ou romantizadas de um continente ainda misterioso, pouco explorado. Abaixo citamos algumas obras que surgiram no decorrer dos anos anteriores à publicação do verdadeiro romance negro.

- *Ourika* (1823) - Claire de Duras⁴. Primeira heroína negra da literatura ocidental
- *Relation d'un voyage du Senegal a Soueïra (Mogador)* (1850) - Leopold Panet⁵. Início da literatura senegalesa em língua francesa.
- *Esquisses Sénégalaises* (1853) - David Boilat⁶. O abade Boilat foi um dos primeiros africanos a estudar a cultura e a sociedade africana do ponto de vista ocidental.

⁴ Confira Duras (1823).

⁵ Confira Panet (1850).

⁶ Confira Boilat (1853).

- *Algérie: Un regard écrit* (1856) - Pauline de Noirfontaine⁷ - Seu trabalho consiste em seis cartas escritas entre 1849 e 1851 que abordam temas variados que vão desde a vida das mulheres árabes até a epidemia de cólera que assolou Oran.
- *Cinq semaines en ballon* (1863) - Jules Vernes⁸. Relato fantástico e por vezes preconceituoso em relação ao continente africano.
- *Les Trois Volontés de Malic* (1920) - Ahmadou Mapate Diagne⁹. Texto que evocava uma coabitação da cultura ocidental e negra na vila de Diamaguène.
- *L'Anthologie nègre* (1921) - Blaise Cendrars¹⁰. Coletânea de lendas e fábulas africanas.

Batouala : un véritable roman nègre

O início do século XX marca o início da construção do enredo de *Batouala*¹¹. Em 1912, um jovem funcionário colonial franco-guianense foi designado para administrar a região de Oubangui-Chari, localizado no atual território da República Centro-Africana. Este jovem era René Maran, desconhecido do meio literário, ele tinha publicado dois livros de poemas, *La Maison du bonheur* (1909) e *La vie intérieure* (1912)¹² antes de ser enviado para centro da África. Em virtude dessa experiência no continente africano Maran foi retirado do anonimato e lançado para o olimpo dos agraciados com o *Prix Goncourt*, principal prêmio em língua francesa.

Inicialmente o livro foi bem recepcionado, mas as críticas a respeito do conteúdo não tardaram a chegar. Segundo Egonu (1980, p.531) “[...] *on peut distinguer deux aspects dans ces réactions critique : désapprobation du choix du jury d’une part et objection au caractère polémique de la préface du roman d’autre part.*”¹³ As críticas negativas afirmavam que nos meios políticos da época o romance foi interpretado como um panfleto anticolonial e propaganda antifrancesa. No

⁷ Confira Noirfontaine (1856).

⁸ Confira Vernes (2004).

⁹ Confira Diagne (1920).

¹⁰ Confira Cendrars (1947).

¹¹ Confira Maran (2002).

¹² Confira Maran (1912, 1909).

¹³ “Podemos distinguir dois aspectos nestas reações críticas: a desaprovação da escolha do júri por um lado e a objeção ao caráter polêmico do prefácio do romance outro.” (EGONU, 1980, p.531, tradução nossa).

entanto, neste trabalho não vamos nos prender aos desdobramentos ao redor da premiação e do polêmico prefácio, nos deteremos ao personagem-título.

O escândalo causado pelo livro foi enorme ao ponto de haver proibição tanto nas colônias francesas e de outros países europeus que dispunham de possessões no continente africano. Nas críticas René Maran foi duplamente acusado de odiar a brancos e ao mesmo tempo de desprezar os negros. O prefácio de seu romance de estreia criticou as desigualdades raciais no sistema colonial, provocando controvérsia e críticas. Depois de longo período a cargo do governo francês, Maran logo se demitiu em 1923 de seu posto para se mudar definitivamente para Paris.

O que torna *Batouala* uma obra prima revolucionária é o fato dela narrar uma África pelo olhar africano, no caso do ponto de vista do colonizado. O líder tribal Batouala guia o leitor para dentro do cotidiano de uma tribo africana, personagens intensos, uma rede de disputas internas, conflitos amorosos, questionamentos filosóficos e as críticas ao sistema colonial francês. Este não é um romance que mostra uma África exótica. René Maran, apesar de um cargo dentro do governo francês, expôs de forma honesta o que acontecia na colônia. Ele pôs em palavras, o que mais tarde seria reivindicado anos depois pelos movimentos de libertação na África.

Aqui estamos interessados no relato ficcional do *moukoundji*¹⁴ Batouala, chefe da tribo Banda sobre a colonização francesa. O ambiente que o circunda, seu destino, a vida cotidiana é apresentada sem os clichês criados por outros autores. Temos o olhar dos colonizados sobre o colonizador. Nós somos brindados pela descrição de conflitos, intrigas de cunho pessoal e social que acontecem nesta tribo africana e o receio de seu líder Batouala em não poder transmitir seu patrimônio cultural às gerações futuras. Sem dúvida, um relato baseado na experiência do autor como funcionário francês na Colônia. Maran aprendeu a língua dos nativos durante os treze anos que viveu por lá, esforçou-se em compreender as pessoas da região e desta forma desenvolveu um perfil fiel de uma sociedade tradicional africana. Em seu famoso prefácio Maran desmonta a epopeia colonial e denuncia a falha do sistema colonial

Ce roman est donc tout objectif. Il ne tâche même pas à expliquer : il constate. Il ne s'indigne pas : il enregistre. Il ne pouvait en être autrement. Par les soirs de lune, allongé en ma chaise longue, de ma véranda, j'écoutais les conversations de

¹⁴ Chefe

ces pauvres gens. Leurs plaisanteries prouvaient leur résignation. Ils souffraient et riaient de souffrir. (MARAN, 2002, p.15)¹⁵.

A voz do colonizado

O romance não era mais a reunião de rituais e costumes, pelo contrário, ele dá destaque e principalmente humaniza o africano, podemos ver pela primeira vez o ponto de vista do colonizado, aquele tido como inculto, selvagem. Foi chocante para a época na qual as teorias racistas predominavam aceitar que os povos originários do continente africano, pudessem ser tão racionais quanto o homem europeu “civilizado”. É a voz do líder do povo Banda *Batouala* que vem à tona e nos presenteia com um universo ainda inexplorado no meio literário.

O romance segue uma linha cronológica que podemos apontar como paralela ao período que René Maran viveu na região. Iniciamos com a descrição da vida cotidiano e do ambiente da tribo dos Banda, podemos apontar como o início da familiarização de Maran com os nativos. Seguimos como os questionamentos em relação aos *frandjés*¹⁶, assim como a participação da colônia durante a Primeira Guerra Mundial. O sentimento de resignação está presente no decorrer do texto em contraste com a força dos franceses em relação aqueles que constituíam da aldeia de Grimari. Por fim nos deparamos com a derrota do colonizado que vê na cultura do colonizador um modo de ascensão econômica e social. Frantz Fanon depois de anos vivendo na Argélia conseguiria explicar em sua obra as causas e consequências do colonialismo na vida dos colonizados. Neste trecho nos familiarizamos com os Bandas.

Ils descendaient pourtant d'une famille robuste et guerrière, âpre au mal, dure à la fatigue. Ni les razzias senoussistes, ni de perpétuelles dissensions intestines n'avaient pu les détruire. Leur nom de famille garantissait leur vitalité. (MARAN, 2002, p. 22)¹⁷.

¹⁵ “Este romance é, portanto, inteiramente objetivo. Ele nem sequer tenta explicar: ele constata. Ela não expressa indignação: ela registra. Não poderia ser de outra forma. Nas noites de luar, deitado na minha espreguiçadeira de minha varanda, eu escutava as conversas dessas pobres pessoas. Suas piadas provavam sua resignação. Eles sofriam e riam do sofrimento.” (MARAN, 2002, p.15, tradução nossa).

¹⁶ Denominação dada pelos nativos aos franceses.

¹⁷ “Eles descendiam, no entanto, de uma família robusta e guerreira, endurecida até o mal, endurecida até a fadiga. Nem os ataques as perpétuas brigas internas a família havia sido capaz de destruí-los. Seu nome de família garantia sua vitalidade.” (MARAN, 2002, p. 22, tradução nossa).

Batouala nos apresenta uma outra versão da história, o funcionamento do sistema colonial e dos funcionários franceses que chegam na colônia e tem uma certa “facilidade” aos extremos. Devemos levar em consideração que a metrópole não possuía meios suficientes para a exploração de seus territórios coloniais, desta forma eram concedidos em troca de um arrendamento, grandes parcelas de terras para empresas privadas com as maiores licitações. A metrópole também lhes concedia o direito de utilizar mão-de-obra local, sob certas condições que algumas empresas concessionárias não respeitaram. Esta estrutura geral deu às empresas privadas um poder excessivo, levou a abusos aliado a falta de fiscalização do governo francês.

Tu bâtis ton royaume sur des cadavres. Quoi que tu veuilles, quoi que tu fasses, tu te meus dans le mensonge. À ta vue, les larmes de sourdre et la douleur de crier. Tu es la force qui prime le droit. Tu n'es pas un flambeau, mais un incendie. Tout ce à quoi tu louches, tu le consumes [...] (MARAN, 2002, p.17)¹⁸.

Um dos principais pontos que buscamos apresentar estão relacionados com as atrocidades e crimes cometidos pelos colonizadores, denunciados do ponto de vista do colonizado. Devemos levar em consideração que este é um texto literário e não um documento oficial do governo francês. No livro vamos encontrar uma série de questionamentos relacionados a maus tratos, exploração, cobranças de impostos, venda de mulheres, alcoolismo, comportamento violento dos franceses, relações inter-raciais, colonialismo cultural, entre outros aspectos importantes. Porém em *Batouala* temos acima de tudo uma crítica ao sistema colonial.

L'argent que nous vous obligeons à gagner, nous ne vous en prenons qu'une infime partie. Nous nous en servons pour vous construire des villages, des routes, des ponts, des machines qui marchent, au moyen du feu, sur des barres de fer. (MARAN, 2002, p.99).

A alta cobrança de imposto e os trabalhos exagerados são dos elementos que inquietam os Bandas, pois apesar de todo o esforço, os benefícios não são revertidos para a tribo.

¹⁸ “Você constrói seu reino sobre cadáveres. O que quer que você queira fazer, o que quer que você faça, você vive uma mentira. À sua vista, as lágrimas a fluir e a dor a gritar. Você é a força que se sobrepõe ao direito. Você não é uma tocha, mas um incêndio. Tudo o que você espreguia, você consome [...]” (MARAN, 2002, p.17, tradução nossa).

Or, personne n'ignore que, du premier jour de la saison sèche au dernier de la saison des pluies notre travail n'alimente que l'impôt, lorsqu'il ne remplit pas, par la même occasion, les poches de nos commandants. (MARAN, 2002, p.100)¹⁹.

Batouala se questiona sobre o azar de ter conhecido os franceses e a justificativa de que o trabalho é para o bem do povo, “*Que ne nous ont-ils pas promis, depuis que nous avons le malheur de les connaître ! Vous nous remercieriez plus tard, nous disaient-ils. C'est pour votre bien que nous vous forçons à travailler*” (MARAN, 2002, p.99)²⁰. Alguns trechos mostram que o descontentando dos membros da tribo dialogam diretamente com os argumentos defendidos por D'Estournelles de Constant no Congresso (1911). Este justificava que os homens bons estavam ali com as melhores intenções e isso os diferenciava de aventureiros e mal-intencionados.

Heureusement, tout excès provoque en nous sa réaction, sa protestation et nous voyons aux colonies, parmi les explorateurs, les officiers, les hommes d'énergie et d'action que pousse une volonté ardente d'être utiles, des caractères admirables, des apôtres, dont la bonté rachète l'erreur des autres ; là, comme ailleurs, mais plus brutalement se poursuit la lutte du bien et du mal. En face des vieux instincts de pirates et de négriers, se dressent des âmes de saints ! Là, comme ailleurs, celui qui s'élève au-dessus de lui-même élève son pays et l'humanité. (CONSTANT, 1911, p.422)²¹.

Batouala começa gradativamente a pôr em dúvida os motivos dos maus-tratos cotidianos, ele observa que até os animais tem um tratamento mais dignos do que eles. Temos abaixo trechos que exemplificam o péssimo tratamento dado as pessoas da tribo.

¹⁹ “É bem conhecido que desde o primeiro dia da estação seca até a última da estação chuvosa nosso trabalho só alimenta o imposto, quando não alimenta, ao mesmo tempo, não enche os bolsos dos nossos comandantes.” (MARAN, 2002, p.100, tradução nossa).

²⁰ “O que eles não nos prometeram, já que tivemos o infortúnio ter a infelicidade de conhecê-los! Você vai nos agradecer mais tarde, disseram eles. É para o seu próprio bem seu bem que nós o obrigamos a trabalhar.” (MARAN, 2002, p.99, tradução nossa).

²¹ “Felizmente, cada excesso provoca em nós uma reação, um protesto e nós vemos nas colônias, entre os exploradores, os oficiais, os homens de energia e ação que são movidos por um desejo ardente de serem úteis, caráter admiráveis, apóstolos, cuja bondade redime os erros dos outros; ali, como em outros lugares, mas mais brutalmente, a luta entre o bem e o mal continua. Na frente dos velhos instintos de piratas e de mercadores de escravos, lá estão as almas dos santos! Ali, como em qualquer outro lugar, aquele que se eleva acima de si mesmo eleva seu país e sua humanidade.” (CONSTANT, 1911, p.422, tradução nossa).

Nous ne sommes que des chairs à impôt. Nous ne sommes que des bêtes de portage. Des bêtes ? Même pas. Un chien ? Ils le nourrissent, et soignent leur cheval. Nous ? Nous sommes, pour eux, moins que ces animaux, nous sommes plus bas que les plus bas. Ils nous crèvent lentement. (MARAN, 2002, p.100)²².

O comportamento dos franceses também é examinado com atenção pelo líder tribal. O alcoolismo exagerado dos franceses é algo que impressiona, como aparentemente não haviam leis ou regras que regulamentassem o consumo de álcool nas colônias, estes se dedicavam com grande empenho as bebidas. Depois do conflito bélico, o consumo alcoólico foi cinco vezes superior ao período anterior.

Car, la large vie coloniale, si l'on pouvait savoir de quelle quotidienne bassesse elle est faite, on en parlerait moins, on n'en parlerait plus. Elle avilit peu à peu. Rares sont, même parmi les fonctionnaires, les coloniaux qui cultivent leur esprit. Ils n'ont pas la force de résister à l'ambiance. On s'habitue à l'alcool. Avant la guerre, nombreux étaient les Européens capables d'assécher à eux seuls plus de quinze litres de pernod, en l'espace de trente jours. Depuis, hélas ! j'en ai connu un, qui a battu tous les records. Quatre-vingts bouteilles de whisky de traite, voilà ce qu'il a pu boire, en un mois. (MARAN, 2002, p.19)²³.

Também nos deparamos com um trecho que nos remete diretamente aos conflitos que ocorreram na Primeira Guerra Mundial. Durante o conflito as colônias africanas apoiaram a Metrópole com o fornecimento de alimentos e mão de obra. René Maran esteve durante todo o período da Guerra nas terras do Oubangui-Chari e presenciou os esforços para ajudar a França. No entanto o romance tem trechos que relatam o descontentamento de Batouala em relação a uma guerra que não era dele e de seu povo.

²² “Nós não somos nada além de carne para impostos. Somos apenas bestas de carga. Bestas? Nem mesmo. Um cachorro? Eles o alimentam, e cuidam de seus cavalos. Nós? Para eles, somos menos do que estes animais, somos menos do que os mais baixos. Eles nos matam lentamente.” (MARAN, 2002, p.100, tradução nossa).

²³ “Pois, a ampla vida colonial, se nós pudéssemos saber de que baixaza ela é feita diariamente, se falaria menos sobre isso, não se falaria mais. Degrada-se pouco a pouco. Raros são os coloniais, mesmo entre os funcionários públicos, que cultivam seu espírito. Eles não têm a força para resistir ao ambiente. Acostumam-se ao álcool. Antes da guerra, havia muitos europeus que conseguiam secar mais de quinze litros de pernod no espaço de trinta dias. Desde então, infelizmente, conheço um que bateu todos os recordes. Oitenta garrafas de whisky, eis o que ele bebeu em um mês.” (MARAN, 2002, p.19, tradução nossa).

Guerre et sauvagerie étaient tout un. Or ne voilà-t-il pas qu'on forçait les nègres à participer à la sauvagerie des blancs, à aller se faire tuer pour eux, en des palabres lointaines ! Et ceux qui protestaient, on leur passait la corde au cou, on les chicottait, on les jetait en prison ! (MARAN, 2002, p. 183)²⁴.

Apesar de todos os esforços feitos pelo povo do narrador, nada mudou em relação aos franceses, estes continuaram a cometer os mesmos excessos, além de não respeitar os costumes e crenças locais.

Notre soumission, reprit Batouala, dont la voix allait s'enflévrant, notre soumission ne nous a pas mérité leur bienveillance. Et d'abord, non contents de s'appliquer à supprimer nos plus chères coutumes, ils n'ont eu de cesse qu'ils ne nous aient imposé les leurs. (MARAN, 2002, p.95)²⁵.

A resignação é marcada na figura do pai de Batouala, guerreiro velho e doente, que com sua sabedoria ancestral decide pela espera pacientemente do futuro como melhor caminho a ser tomado. Em seu leito de morte, o pai apela ao filho que este não se precipite em tomar alguma decisão.

Il n'y a plus rien à faire. Résignez-vous. Quand Bamara, le lion, a rugi, nulle antilope n'ose bramer aux environs. Il en est de nous comme de l'antilope. N'étant pas les plus forts, nous n'avons qu'à nous taire. Il y va de notre tranquillité. (MARAN, 2002, p.101).

Com o passar do tempo, os filhos de nativos com brancos começavam a ignorar suas raízes tribais. Aqui podemos relacionar *Batouala* com o pensamento de Frantz Fanon que explicou através da psicanálise os sentimentos de inadequação e inferioridade dos negros. Para Fanon (2008, p.34) “[...] quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.”

²⁴ “A guerra e a selvageria eram a mesma coisa. Agora, não é verdade que os negros foram forçados a participar da selvageria dos brancos, a ir e ser mortos por eles, em palavreado distante! E aqueles que protestaram, foram amarrados, presos e jogados na prisão!” (MARAN, 2002, p. 183, tradução nossa).

²⁵ “Nossa submissão, continuou Batouala, cuja voz estava prestes a se tornar febril, “nossa submissão não nos rendeu sua benevolência”. E antes de tudo, não satisfeitos em cumprir a supressão dos nossos costumes queridos, eles não cessaram até que nos impuseram seus próprios costumes.” (MARAN, 2002, p.95, tradução nossa).

À présent, les nègres n'étaient plus que des esclaves. Il n'y avait rien à espérer d'une race sans cœur. Car les « boundjous » n'avaient pas de cœur. N'abandonnaient-ils pas les enfants qu'ils avaient des femmes noires ? Se sachant fils de blancs, ces derniers, devenus grands, ne daignaient pas fréquenter les nègres. (MARAN, 2002, p.100)²⁶.

E fechando o ciclo da colonização temos a aceitação da cultura colonial, Bissibi'ngui, guerreiro rival de Batouala, já não resiste ao poder dos brancos, ele percebe que ao se unir aos franceses conseguirá um melhor status dentro da sociedade. Quanto mais próximo do ideal europeu, roupas, trejeitos mais ele será admirado.

Tout après, j'irai à Bangui prendre du service. Tourougou, – milicien, suivant le parler des blancs, – on a un fusil, des cartouches, un grand couteau retenu au côté gauche par une ceinture en cuir. On est bien habillé. On a les pieds chaussés de sandales. On porte chéchia. On touche de l'argent chaque lune. Et chaque « dimanchi », dès que le « tata-lita » du clairon a sonné le « rompez », on va faire son petit « pé'ndéré », dans les villages, où les femmes vous admirent. (MARAN, 2002, p.137)²⁷.

Novamente é possível fazer uma relação com a obra de Frantz Fanon. Aqui vemos um claro sinal de que quanto mais o colonizado se aproximar do mundo branco mais ele será visto como branco. Fanon afirma que:

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão

²⁶ “No momento, os negros não são mais que escravos. Não havia nada a esperar de uma raça sem coração. Pois os ‘boundjous’ não tinham coração. Eles não abandonaram as crianças que tinham com mulheres negras? Sabendo que eles eram filhos de brancos, estes últimos, quando cresceram, não se dignavam a conviver com os negros.” (MARAN, 2002, p.100, tradução nossa).

²⁷ “Depois disso, irei para Bangui para entrar em serviço. Tourougou, - miliciano, seguindo a linguagem dos brancos, - temos uma espingarda, cartuchos, uma faca grande segurada do lado esquerdo por um cinto de couro. Estamos bem vestidos. Temos os pés calçados com sandálias. Usamos o chéchia. Recebemos dinheiro a cada lua. E a cada domingo, assim que o ‘tata-lita’ da corneta soa o ‘rompez’, você vai e faz seu pequeno ‘pé'ndéré’ nas aldeias, onde as mulheres o admiram.” (MARAN, 2002, p.137, tradução nossa).

sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. (FANON, 2008, p.94).

O autor franco-guianense conseguiu transpor-se para um ambiente ainda desconhecido do grande público e dele mesmo. Ele observou, registou e constatou o que acontecia na tão longínqua região de Oubangui-Chari. O que acontecia por lá não se diferenciava em nada do que ocorria nas outras colônias dominadas por outras potências europeias, porém até então não havia o relato imparcial de um homem que não se acovardou ao ser perseguido pelos meios de comunicação da época. E mesmo que este seja um texto ficcional René Maran escreveu magistralmente sobre a hipocrisia do sistema colonial francês.

Considerações finais

René Maran descreveu uma África de um ponto de vista ainda inexplorado e tornou seu livro um dos marcos de nascença da literatura africana. *Batouala* é uma síntese de como os povos colonizados se sentiam em relação aos colonizadores. Ele denunciou abertamente os aspectos negativos da colonização francesa que eram incompatíveis com o conceito de “missão civilizadora”. René Maran foi audacioso ao tentar igualar povos com formação sociocultural tão diferentes e ao desmitificar, aparentemente de forma involuntária, o mito do bom colonizador que perpassavam os anos.

O livro nos apresenta a imagem de uma África destruída pelo poder colonial, uma África submetida a trabalhos forçados, ao pagamento de altos impostos, venda de mulheres, das ameaças constantes, entre tantos outros aspectos. Não era de se admirar que tal obra tenha causado tantas críticas e ressentimentos. Maran abalou as estruturas da sociedade francesa ao evidenciar aquilo que ela pretendia esconder: a submissão de um povo através de sua desumanização. Após a publicação do livro, o mundo já estava caminhando para acontecimentos históricos que desembocariam na Segunda Guerra Mundial, um período no qual aconteceram as maiores atrocidades realizadas no mundo. O continente africano ainda precisaria de bastante tempo para se libertar do jugo colonial e confirmar que a ficção de René Maran era uma realidade velada.

Apesar de todas as críticas e tentativas de silenciamento de *Batouala* outros livros que criticavam o sistema colonial começaram a surgir, ele foi o estopim para que outros autores se interessassem e escrevessem pela causa africana.

Entre eles podemos destacar *Voyage au Congo* (1927) de André Gide²⁸, *Terres d'Ébène* (1929) do jornalista francês Albert Londres²⁹. René Maran influenciou também escritores francófonos negros que dariam vida ao movimento da *Négritude*, entre os quais podemos destacar Aimé Césaire, Guy Tirolien, Jacques Rabemananjara, Léopold Sédar Senghor, Léon-Gontran Damas, Paulette Nardal entre tantos outros.

Não é tarde para redimir a grandiosa obra de René Maran. *Batouala* precisa ser (re)descoberto e estudado, ela deve se tornar conhecida não só por estudantes de francês, é evidente sua relação com a língua francesa e o mundo francófono do período colonial, porém ela não deve se limitar apenas aos estudos literários. No caso brasileiro, ela precisa ser traduzida para que outros estudantes tenham acesso a um conteúdo que é uma rica fonte de temas de pesquisa e conteúdo sócio-histórico, ele nos oferece um leque de possibilidades de estudos, entre eles: feminismo, estudos de gênero, linguística e estudos culturais. Este é um livro que pode inspirar novas gerações. René Maran e *Batouala* são componentes indissociáveis.

RENÉ MARAN'S BATOUALA: THE LEADING ROLE OF THE COLONIZED

ABSTRACT: *This article analyzes the book Batouala, by René Maran, from a post-colonial point of view. We aim to make a summary of the 19th century, marked by the diffusion of racial theories and by the European neocolonialism in the African continent. Then we will contextualize the beginning of the 20th century with the emergence of the European avant-garde that found in the "primitive" African arts a new form of inspiration and the continuity of the thought of "superiority" to justify the atrocities committed in the colonies. To conduct this analysis, we do not dwell on the aspects of ritual tribal customs, initiation feasts, dances, and hunting. We examine the book through the perspective of the colonized, highlighting critical points and whenever possible relating them to the critical work of Franz Fanon.*

KEYWORDS: *René Maran. Batouala. Frantz Fanon. Postcolonial theories.*

REFERÊNCIAS

BOILAT, D. **Esquisses Sénégalaises:** physiologie du pays, peuplades, commerce, religions, passé et avenir, récits et légendes. Paris : P. Bertrand, 1853.

²⁸ Confira Gide (1927).

²⁹ Confira Londres (2011).

Paola Karyne Azevedo Jochimsen

BRUM, M. A partilha da África pelas potências europeias. Mapa com os principais povos e reinos. **Super Interessante**, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/a-partilha-da-africa/amp/>>. Acesso em: 05 set. 2021.

CENDRARS, B. **L'Anthologie nègre**. Paris : Sceaux, 1947.

CONSTANT, E. Septième Séance. Suggestions positives pour encourager l'amitié entre les races. Le respect que doit la race blanche aux autres races. In : CONGRÈS UNIVERSEL DES RACES. 1., 1911. **Mémoire sur le contact des races**. Londres: P.S. King & Son Orchard House, 1911. p.420-423. Disponível em: <<http://www.manioc.org/patrimon/CAE19037>>. Acesso em: 25 jul. 2021. Éditeur Scientifique: Gustav Spiller.

DIAGNE, A. M. **Les Trois Volontés de Malic**. Paris : Larousse, 1920.

DURAS, C. **Ourika**. Paris : Impr. royale, 1823.

EGONU, I. Le Prix Goncourt de 1921 et la "Querelle de Batouala." **Research in African Literatures**, Bloomington, v.11, n.4, p.529-545, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3818226>>. Acesso em: 27 maio 2021.

FIRMIN, J. A. **Essai sur l'égalité des races humaines** (Anthropologie positive). Paris : Librairie Cotillon, 1885. Disponível em : <http://classiques.uqac.ca/classiques/firmin_antenor/de_egalite_races_humaines/de_egalite_races_humaines.html>. Acesso em: 27 maio 2021.

GIDE, A. **Voyage au Congo**. Paris: Gallimard, 1927.

GOBINEAU, A. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris : Librairie de Firmin-Didot et cie, 1884. t.1. Disponível em: <<https://archive.org/details/essaisurlingal01gobiuoft/page/n6>>. Acesso em: 27 maio 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LONDRES, A. **Terres d'ébène**. Paris: Motifs, 2011.

MARAN, R. **Batouala**. Paris : Magnard, 2002. (Classiques & Contemporains).

MARAN, R. **La vie Intérieure, poèmes**. Paris : Le Beffroi, 1912.

MARAN, R. **La Maison du bonheur**. Paris : Le Beffroi, 1909.

NOIRFONTAINE, P. **Algérie**: Un regard écrit. Havre : A. Lemale, 1856.

PANET, L. Relation d'un voyage du Sénégal à Soueira (Mogador). **Revue Coloniale**, Paris, t.5, p.379-445, nov. 1850.

SUESS, P. **A conquista espiritual da américa espanhola**. Petrópolis: Vozes, 1992.

VERNES, J. **Cinq semaines en ballon**. Paris: Maxi-livres, 2004.

